Suplemento de Arqueologia

Mensal | Ano 13 | N.º 98 | distribuição gratuita | Revista Municipal

Lagar rupestre de Vilar do Torno e Alentém (Lousada):
contextualização historiográfica e arqueológica

Luís Sousa[*]

1 - Introdução

Em Vilar do Torno e Alentém, freguesia do concelho de Lousada encravada entre as suas congéneres de Caíde de Rei, Aveleda, Macieira, Cernadelo, Torno e Travanca, esta última do vizinho concelho de Amarante, implantado numa zona de suaves pendentes sobre a margem esquerda do rio Sousa, em cotas a rondar os 200 metros de altitude, persiste um lagar conhecido pela população local como *Lagar dos Mouros*[1]. Pese embora se trate de uma zona caracterizada pela presença de granitos monzoníticos biotíticos, porfiróides, de grão grosseiro, o lagar revela, contudo, um traço e pico cuidado, merecendo por isso destaque a mestria do executante, por certo um pedreiro experimentado, que dominaria de sobremaneira o *modus faciendi* deste tipo de unidades de transformação.

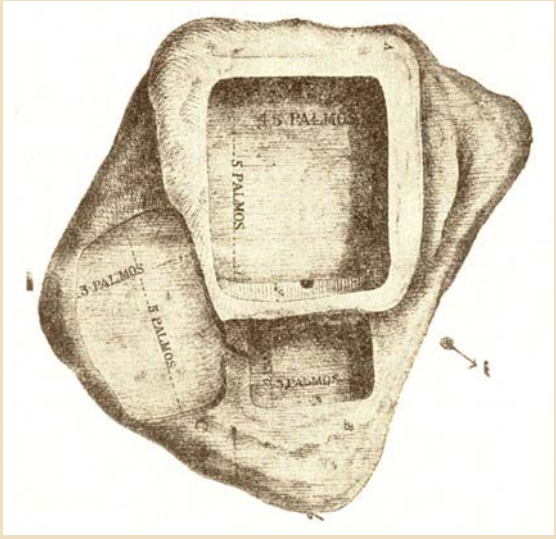

Fig. 1 - Lagar de Vilar do Torno e Alentém. Representação datada de 1917 (Bravo e Oliveira, 1917: 214)

A forma "invulgar" que ostenta e o facto de se encontrar dissociado de qualquer relação estratigráfica, o que impossibilita dissipar as muitas dúvidas que gravitam em redor deste tipo de pequenos lagares rupestres, considerado mesmo o principal aspeto para as dificuldade tidas na sua cabal caracterização crono-cultural, tem levado alguns investigadores a colocarem a possibilidade de estes gozarem de uma dupla função - a de lagar de produção de azeite e/ou de vinho. Algumas razões fundamentam a nossa convicção de que tal circunstância é inviável, pelo menos nesta estrutura sobre a qual incide o presente texto, pois somos da opinião de que se trata, com efeito, de um lagar exclusivamente associado à produção de vinho. Por um lado, porque o uso do lagar na produção de vinho e de azeite, ainda que espaçado no tempo, conferiria eventualmente "gostos" a cada um dos produtos transformados e, por outro, porque forçosamente ter-se-ia de adaptar um engenho destinado à preparação da pasta, por maceração da azeitona, cuja mecânica de funcionamento não tem acomodação possível em virtude da morfologia da infraestrutura a que vimos aludindo, ao que acresce a imperativa presença de água nas cercanias, condição que não se verifica, água esta que teria de ser aquecida para dar lugar à caldeação, que por certo obrigava à presença de uma dependência, de que não existe qualquer vestígio. Estudos e comparações efetuadas com outras estruturas similares presentes, por exemplo, nos vizinhos concelhos de Paços de Ferreira, Amarante e Marco de Canaveses, admitem avançar que, tal como aquelas, também o lagar de Vilar do Torno e Alentém estaria implantado no seio de uma vinha entretanto desaparecida, associado a uma pequena propriedade agrícola, com propensão para a vitivinicultura. Ao contrário do que se constata em análogas unidades, este lagar não possui qualquer entalhe que sugira a presença de cobertura para resguardar, enquanto durasse a vindima, o vinho e os vindimadores dos dias de maior rigor climático.

2 – Algumas notas historiográficas

Remonta ao último quartel do séc. XIX a mais antiga alusão ao lagar de Vilar do Torno e Alentém, cabendo a primazia a Pinho-Leal que, em 1886, reportando-se a Vilar do Torno, no seu «Portugal Antigo e Moderno», relata que há *"n'esta freguezia um serro denominado Eira dos Mouros – e na parochia d'Alentem, visinha e sua annexa, há tambem uma velharia muito interessante, denominada Lagar dos Mouros, o que tudo prova que os mouros tiveram demora-*

* Arqueólogo do Gabinete de Arqueologia do Município de Lousada

[1] Esta e outras expressões similares derivam do facto de tradicionalmente as populações locais conotarem certos monumentos e sítios arqueológicos com a passagem de povos árabes e berberes pelo território português.

da residência n'estes sítios"[2]. Mais adiante, ao reportar-se a Alentém, diz que *"está na grande quinta d'Alentem, na parte hoje occupada pela quinta districtal, o celebre lagar dos mouros, cavado a picão na rocha e comprehendendo um lagar com sua dorna ou lagareta, - construção antiquíssima, geralmente attribuida aos mouros"*[3].

Seguidamente, em 1887, José Augusto Vieira, na esteira do que havia dito Pinho-Leal, dá nota que *"na quinta de Alentem existe uma notavel curiosidade archeologica, pelo povo chamada o lagar dos mouros, cavado a picão na rocha e comprehendendo um lagar com sua dorna ou lagareta; é uma construção antiquissima e não custa acreditar na versão popular, fossem os árabes ou os romanos os autores d'essa obra, que parece evidentemente destinada a um uso agricola"*[4].

A mais longa e pormenorizada descrição desta unidade agrária coube aos agrónomos Pedro Bravo e Duarte de Oliveira que, em a «Vinificação Moderna», consideraram o lagar de Vilar do Torno e Alentém (Lousada) exemplar único em Portugal. Sobre a pervivência deste dizem que *"por ser tão tôsco, tem resistido á destruição da mão barbara da civilização que procura destruir tudo quanto é velho"*. Anotam que se localiza em Alentém, aproximadamente a uns 200 metros a Leste de onde se encontrou instalada a *"Quinta Districtal do Porto (…), n'um pequeno monte, á esquerda do caminho que conduz á estrada districtal, que vai para Cahide"*[5].

Como acima dissemos, os autores descrevem detalhadamente o monumento, fazendo acompanhar o texto com uma ilustração do mesmo **(fig. 1)**, tratando-se da mais antiga figuração de que temos conhecimento.

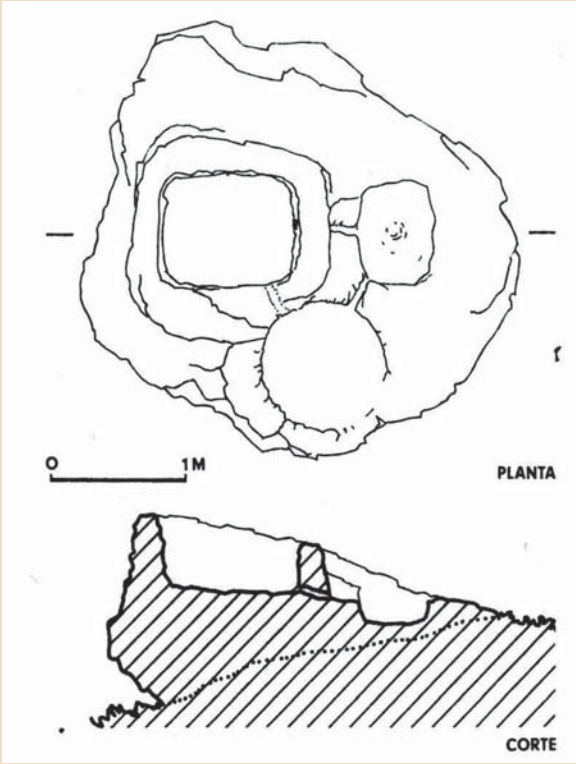

Fig. 2 - Lagar de Vilar do Torno e Alentém. Desenho da autoria do arquiteto Fernando Lanhas (Brandão, sd)

Sobre o lagar dizem *"que, de longe, nada mais indica que um pedaço de granito de 1,76 de altura, e que, visto de perto, se mostra cavado de tres pias: uma maior, communicando com outra menor por meio de um furo, tendo a maior (A) 1,10 de comprimento, 0,99 de largura e 0,66 de altura; a mais pequena (B) 0,66 de comprimento, 0,44 de largura e 0,22 de altura. Com esta pia mais pequena communica, por um canal, a outra (C) muito pouco funda e que tem tambem 1,10 de comprimento e 0,66 de largura. A pia B é a de nível mais inferior ás outras duas, e a C tem proximamente o mesmo nível da A. O penedo apresenta um declive desde a até b na relação de 1,76 em a para zero em b. Em vista d'esta disposição em que se acham as tres pias, o liquido que se deita em A ou C passa logo para B.*

Todos affirmam que isto era um lagar de vinho, e, com effeito, o conjuncto das tres pias, communicando duas com as mais pequenas, não deixa duvida alguma de que só poderia servir para fabrico de vinho. Expremendo-se a uva na pia A, o môsto poderia passar para a pia B, e aquella pia C que pouco se acha cavada na rocha com o canal que a communica com a B, parece azada para sobre ella se pôr o pé da uva, depois de espremida em A, e acabar de escorrer para aquella pia B, onde se reuniria todo o môsto espremido.

Para a história da vinificação portugueza, o lagar – se lagar foi – que vimos descrevendo, é de valor extraordinario, porque nos leva até ao principio rudimentar de vinificar em Portugal; mas não é da nossa competencia levar as investigações mais longe. Assignalamos a sua existencia e deixamos o campo aberto aos archeologos de profissão que, melhor do que nós, devem saber desenvencilhar a questão"[6].

Mário Cardozo, num texto intitulado "Lagares dos Mouros", publicado em 1946[7], faz sobressair Chaves pela grande quantidade de lagares aqui conhecidos, concluindo que "*desde afastados tempos, a vinha tem sido cultivada nas encostas que marginam a extensa e fértil veiga flavien-*

[2] Pinho-Leal, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de – *Portugal Antigo e Moderno*, vol. X. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1886, p. 1284.
[3] Pinho-Leal, *op. cit.*, vol. X, 1886, p. 1286.
[4] VIEIRA, José Augusto – *O Minho Pitoresco*, vol. II. Lisboa: Livraria António Pereira, 1887, p. 367.
[5] BRAVO, Pedro; OLIVEIRA, Duarte de – *Vinificação Moderna*, 2ª Edição. Porto: Officinas de O Commercio do Porto, 1917, p. 214.
[6] BRAVO, Pedro; OLIVEIRA, Duarte de – *op. cit*., p. 215.
[7] CARDOZO**,** Mário (1946) – *Lagares dos Mouros, in* Actas y Memorias de la Sociedade Española de Antropologia, Etnografia y Pré-história, 21 (1/4). Madrid. pp. 134-150.

se"[8]. Mais adiante, dando nota de similares infraestruturas em outros quadrantes geográficos, aponta o investigador que "*em Alentém, próximo do Porto, existe outro, localizado pelos agrónomos Pedro Bravo e Duarte de Oliveira, que o julgaram exemplar único em Portugal*"[9].

Na Enciclopédia Luso-Brasileira, a propósito do termo "lagar (ou lagareta pelas pequenas dimensões)"[10], um texto da autoria de D. Domingos de Pinho Brandão, apesar de não ter qualquer descritivo respeitante à infraestrutura agrária sobre a qual nos debruçamos, é ilustrado com uma fotografia, bem como é acompanhado de uma planta e respetivo corte do lagar de Vilar do Torno e Alentém **(fig.2)**, reprodução que julgamos ter a assinatura do arquiteto Fernando Lanhas, amigo de longa data de Pinho Brandão.

Fig. 3 - Lagar de Vilar do Torno e Alentém. Perspetiva de norte (2010)

No decurso da realização da Carta Arqueológica de Lousada, desenvolvida pelo Mestre Mendes Pinto nos inícios da década de noventa do século XX[11], trabalho que permitiu uma visão mais clara e alargada da realidade arqueológica concelhia até então conhecida, o lagar dos mouros é visitado por aquele investigador que relata tratar-se de uma lagareta que *"apresenta tres cavidades, duas das quais comunicam com uma terceira que lhe fica em plano inferior e que se destinaria a receber o liquido espremido nas outras duas. Constitui um óptimo exemplar do tipo de pequenos lagares de vinho ou de azeite da época romana*". Acrescenta ainda que "*a localização desta lagareta neste esporão que se recorta da veiga plana do vale do Rio Sousa, vem colocar a questão da existência, nas suas proximidades, de uma Villa romana com as suas dependências agrícolas perto da "pars urbana", a casa do senhor".* Termina frisando que *"não existem dados que permitam determinar a sua cronologia*"[12].

Lino Dias localiza para a área envolvente ao lagar um provável complexo rural do tipo *Villa,* mas como o próprio refere, os vestígios cingem-se somente à presença de uma *"uma lagareta com três cavidades"*[13]. Trabalhos de batida de campo desenvolvidos na zona pelo signatário do presente texto, revelaram pequenos fragmentos cerâmicos de possíveis tégulas, material de construção de tradição romana que mercê da sua resistência e durabilidade foi empregue na cobertura de telhados de edifícios, maioritariamente religiosos, mas também civis, até, pelo menos, aos finais da Alta Idade Média. Este tipo de vestígio, que temos identificado em diversos pontos do concelho de Lousada, foi aqui de igual modo observado por Mendes Pinto[14]. Também na Carta Arqueológica de Lousada[15], editada em 2008, encontramos uma breve descrição do monumento, sendo apontada para o lagar uma cronologia romana ou mesmo medieval.

Mais recentemente, Soares de Moura[16] confere espaço próprio ao lagar de Vilar do Torno e Alentém na sua obra *"Lousada Antiga"*, ainda que sem se alongar e sem novo contributo interpretativo, circunscrevendo-se somente ao que até então havia sido dito de mais relevante sobre a estrutura.

3 – Notas Finais

Os parcos vestígios materiais que vêm sendo observados nas cercanias da unidade agrária de Vilar do Torno e Alentém, aliados ao posicionamento topográfico sobre um troço médio do rio Sousa, ao elevado potencial agrícola

---

[8] NUNES, Henrique Barreto – *Obras de Mário Cardozo*, vol. II. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1999, p. 690.
[9] NUNES, Henrique Barreto – *op. cit.,* p. 694.
[10] BRANDÃO, D. Domingos de Pinho – *Lagar, in* Enciclopédia Luso-Brasileira, vol. 11. Lisboa: sd, col. 1318.
[11] PINTO, José Marcelo Sanches Mendes – *Património Arqueológico de Lousada: Plano Director Municipal*. Lousada: Câmara Municipal, 1992. (policopiado).
[12] PINTO, José Marcelo Sanches Mendes – *op. cit.*
[13] DIAS, Lino Tavares – *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR, 1997, p. 302.
[14] PINTO, José Marcelo Sanches Mendes – *O povoamento da Bacia Superior do rio Sousa da Proto-História à Romanização.* Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. V, *in* Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Vol. 35 (1). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1995, p. 278.
[15] NUNES, Manuel; SOUSA, Luís; GONÇALVES, Carlos – *Carta Arqueológica do Concelho de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal, 2008, pp. 215-216.
[16] MOURA, Augusto Soares – *Lousada Antiga*, 1ª Parte, Do Concelho. Lousada: Edição de Autor, 2009, p. 110.

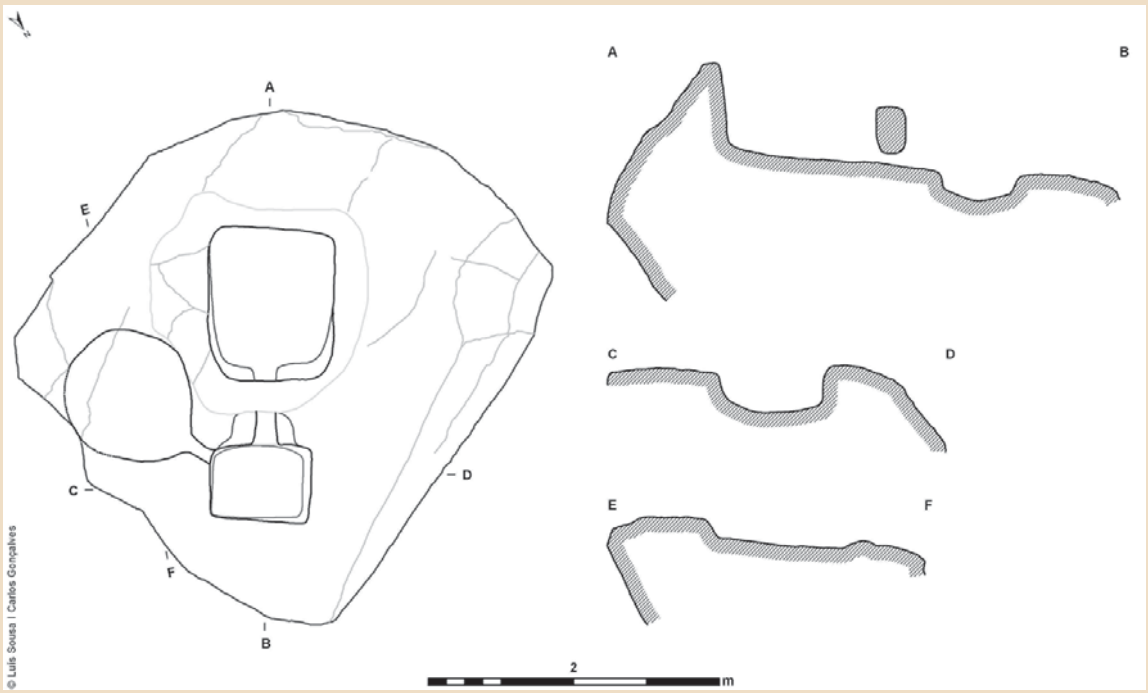

Fig. 4 - Planta e perfis do lagar de Vilar do Torno e Alentém (2010)

dos solos, à abundante presença de água, bem como pelo cruzamento na zona de uma possível via romana que provinha de Macieira da Lixa (Felgueiras), em direção à Serra de Santa Justa (Valongo), com passagem por Meinedo, têm levado a caracterizar o lagar como de época romana. Em boa verdade, fruto da intensa alteração topográfica imprimida na área envolvente, não é permissível, de momento, no concernente a uma interpretação mais concreta do ponto de vista crono-cultural, avançar com profundas interpretações. Ressalvamos, todavia, que embora as características naturais desta parcela do território concelhio, os vestígios de materiais de construção usualmente conotados com assentamentos de época romana e a existência próxima de uma ponte de fundação romana em Barrimau (Aveleda), hoje desaparecida, não deverão por si só servirem de cabal prova de que o lagar é romano, antes sim, serem interpretados como elementos que apontam para uma efetiva e continuada ocupação deste território desde o domínio romano até pelo menos à Baixa Idade Média, o que é reflexo de estarmos diante de terras aráveis, apetecíveis em face das favoráveis condições edafo-climáticas, hidrológicas e orográficas para uma rentável atividade agrícola.

Esta singular infraestrutura agrária foi lavrada num bloco rochoso de cerca de 8,5m^2 **(fig.3)**, compondo-se de três cavidades que comunicam entre si por gravidade. No plano mais elevado encontra-se o piso, de planta retangular, espaço destinado à pisoagem das uvas e que revela uma área útil de 0,86m^2, com dimensões na ordem dos 1,05m de comprimento e 0,86m de largura. O pio, cuja função era o de servir de recetáculo ao mosto resultante da pisa, foi aberto em plano imediatamente inferior e em conexão com aquela depressão por meio de um canal "ocular", compreendendo uma pequena cavidade de formato retangular que não ultrapassa em média os 0,35m^2 de superfície. Por último, o prato, de formato subcircular, talhado à esquerda em plano intermédio entre o piso e o pio, tem uma superfície de 0,64m^2, e um perímetro que ronda os 2,8m. Este liga diretamente ao pio através de um sulco ou canal de perfil em "U" **(fig.4)**[17].

Pelas dimensões e pela capacidade de cada uma das cavidades se deduz tratar-se de um lagar de tipo "bica-aberta", que, tal como dissemos anteriormente, resultaria num vinho rosado pálido, mercê de não haver lugar à cozedura do vinho no lagar conjuntamente com o cangaço.

Pese embora a difícil datação, em parte por se tratarem de infra-estruturas cuja tipologia se conhece desde recuada memória até tempos modernos e, tal como anteriormente referido, estarem na sua maioria dissociados de estratigrafia e de qualquer tipo de espólio nas imediações, consideramos que o lagar de Vilar do Torno e Alentém, ou lagareta, como é usualmente conhecido pela população local, poderá ser enquadrável na Baixa Idade Média, dada a similitude com outros lagares congéneres que tivemos oportunidade de observar, por exemplo, em Amarante, Marco de Canaveses, Paços de Ferreiro, concelhos vizinhos, ou mesmo existentes em concelhos mais distantes, como em Barcelos, Chaves, Meda, etc., cujos contextos possibilitam apontar aquela cronologia.

[17] Queremos deixar aqui um especial agradecimento à Dra. Isabel Pereira e ao Eng. Luis Miguel Costa, que amavelmente permitiram, que melhor estudasse-mos este monumento, facilitando o seu acesso para que realizássemos este registo gráfico.